

# ETIMOLOGIA POPULAR

Artur de Almeida Tôrres  
Niterói

“Forma a língua do povo fonte perene de mecanismos psicológicos” (Leite de Vasconcelos, **Opúsc.**, I, 344)

A expressão **etimologia popular**, que aparece pela primeira vez em 1852, numa célebre revista berlinense, (1) foi empregada pelo alemão Förstemann, para designar o processo popular e inconsciente de formação homonímica ou paronímica de palavras ou sintagmas.

Êsse curioso fenômeno, que é comum a tôdas as línguas, (2) ocorre quando a gente inculta ou semiculta, ao ouvir uma palavra ou expressão desconhecida, instintivamente a relaciona com outra que lhe é familiar, resultando dessa operação um novo produto que às vêzes se generaliza, chegando, não raro, a invadir a esfera das pessoas letradas.

Não devemos confundir êsse processo de adaptação do desconhecido ao conhecido com os casos típicos de **analogia**, embora se reconheça aí, até certo ponto, uma participação analógica. (3)

FERDINAND DE SAUSSURE procurou estabelecer judiciosa distinção entre êsses dois fenômenos da linguagem, acentuando que a **analogia** é um fato geral, pertencente ao funcionamento nor-

- 
- (1) **Zeitschrift für vergleichende sprachforschung**, herausgegeben von Dr. Theodor Aufrecht und Dr. Adalbert Kuhn. Berlin.
  - (2) ADOLFO COELHO apresenta grande cópia de exemplos colhidos no grego, no latim, no valáquio, no português e no espanhol. (Cf. **Quest. da ling. port.**, I, p. 109. Pôrto, 1874).
  - (3) MILLARDET entende que não há antinomia absoluta entre **etimol. pop.** e **analogia**: “Ce sont deux phénomènes comparables en ce sens que, sur une forme A, agit une forme B, par suite d’une association d’idées plus ou moins complexe, d’où naît une forme C”. (**Linguistique et Dialectologie Romanes**, p. 396).

mal da língua, e que supõe sempre o esquecimento da forma anterior, nada tirando da substância dos elementos que ela substitui; ao passo que a **etimologia popular** só age em condições particulares, só atinge as formas desconhecidas, estrangeiras ou técnicas, reduzindo-se a uma interpretação da forma antiga, sendo a lembrança desta, ainda que confusa, o ponto de partida da deformação que sofre.

E conclui:

“Ces deux phénomènes si ressemblants par certains côtés, s’opposent dans leur essence; ils doivent être soigneusement distingués”. (**Cours de Linguistique Générale**, p. 240. Paris, 1931).

Alguns filólogos, levando em conta que o povo não faz etimologia conscientemente, e que as palavras ou frases forjadas por esse meio não passam de associações homonímicas irrefletidas, propõem se substitua a expressão **etimologia popular** por **atração homonímica**. (1) Embora razoável a proposta, julgamo-la um tanto intempestiva, de vez que a denominação antiga já está bastante generalizada, até mesmo entre os autores que a estigmatizam.

É curioso assinalar que as associações inconscientes ou subconscientes que caracterizam a **etimologia popular** revelam, em sua essência, uma inclinação natural do espírito humano em procurar uma explicação pronta e cômoda para as coisas desconhecidas, relacionando-as com outras que lhe sejam inteligíveis. Aliás, essa tendência pode ser observada na própria criança que, ao atingir o uso da razão, começa logo a formular perguntas constantes sôbre tudo o que ignora ou tem dificuldade de compreender, estabelecendo comumente as mais engenhosas ou as mais descabidas analogias.

---

(1) “La dénomination d’**étymologie populaire**... est très mauvaise, car elle donne à entendre que le sujet agit avec réflexion ce qui est faux”. (DAUZAT: **Hist. de la lang. franç.**, p. 234. Paris, 1934). “À **etimologia popular** prefere-se, hoje em dia, chamar **atração homonímica**, uma vez que a designação antiga podia dar a entender a existência de uma consciência popular em inventar étimos — o que é absurdo.” (SERAFIM NETO: **Fontes do lat. vulg.**, p. 184. Rio, 1946).

SAYCE, em magistral capítulo de sua obra **Principes de Philologie Comparée**, (1) assim se manifesta a respeito dêsse interessante assunto:

“L’esprit humain n’est pas satisfait tant qu’il n’a pas trouvé la raison d’être d’une chose, à moins qu’il ne croie la comprendre dès l’abord. Tant qu’il n’a pas trouvé cette explication, il se sent en présence de quelque chose de mystérieux et de surnaturel; cette ignorance lui cause tous les ennuis de la crainte et de l’incertitude. L’explication peut être très éloignée de la vérité, mais pourvu qu’il y en ait une, l’homme est satisfait. Pour expliquer, nous devons comparer; ce n’est qu’en plaçant un phénomène dans les limites du connu que nous le ferons sortir de la région de l’inexplicable”.

O estudo dêste assunto, pôsto que irrelevante para o gramático, que só se preocupa com o aspecto normativo da língua, reveste-se de particular interesse para o filólogo e para o lingüista, não só porque os habilita a resolver facilmente problemas que poderiam causar-lhes embaraços e dificuldades, como ainda porque os ajuda a conhecer mais um interessante processo psicológico de elaboração da linguagem popular. (2)

Por isso, o homem de ciência não pode encarar com desdém as formas oriundas da etimologia popular como se elas fôsem produtos meramente patológicos.

Daí a prudente advertência de HENRI FREI, quando escreveu:

“On aurait tort de considérer tous ces “accidents” comme des cas pathologiques; ils ne méritent pas tant de dédain.

Considérés dans leur ensemble, ils ont leur raison d’être, en ce qu’ils répondent à une tendance organique du système: le besoin de ramener l’inconnu au connu.”

(**La grammaire des fautes**, p. 12)

Também o eminente Prof. PAIVA BOLÉO, em magnífico trabalho divulgado na **Revista de Portugal** (3), põe em evidência a

---

(1) Trad. de JOVY, p. 265. Paris. 1884.

(2) Cf. LEITE DE VASCONCELOS: **Opúsculos**, IV, p. 587 e I, p. 340.

(3) Cf. vol. I, n. 3 (Série A), p. 129.

importância do estudo da linguagem popular, ressaltando com muita sabedoria que “o lingüista ou o filólogo não se ri de certos vocábulo e expressões populares; por muito estranhos e adulterados que lhe pareçam, têm quase sempre a sua razão de ser.”

Vejamos agora alguns exemplos curiosos de criações populares por atração homonímica, uns observados por nós; outros extraídos em trabalhos sôbre o assunto:

1. **Necromancia** (gr. **nekros**, morte, e **manteia**, adivinhação) é transformado pelo povo em **negromancia**, por influxo do elemento **negro**, donde a expressão “magia-negra”.

2. Temos ouvido, por várias vêzes, o vocábulo **antulho** para designar a planta da família das aroídeas, vulgarmente chamada **antúrio**. É um caso típico de **etimol. pop.**, em que **antulho** teria sido modelado por influência de **entulho**.

3. **Esgatanhar** aparece por **esgadanhar**, onde é evidente a interferência de **gato**.

4. **Sacristão** transformou-se em **sancristão** por influência de **santo (são)**.

5. **Pelegrino** por **peregrino** ocorre não só no Brasil como também em Portugal, segundo o testemunho de Adolfo Coelho. (1) Teria havido influxo da palavra **pele**?

6. **Preamar**, composto de **prea** (lat. **plena**, cheia) + **mar**, quando esta palavra era feminina, alterou-se em **praíamar**, porque o povo, desconhecendo o elemento **prea**, relacionou-o com **praia**, influenciado ainda por **mar**.

7. Por influxo de **ouro**, vemos **urina** transformada em **ourina**.

8. Leite de Vasconcelos registra **Santanás** por **Satanás**, influência de **santo**, “que se vislumbra em **santuário**, mas talvez com um pouco de ironia, porque o diabo não é tão feio como o pintam”. (2)

9. **Larva** alterou-se em **lavra** por influência de **lavar**.

10. Adolfo Coelho lembra o vocábulo **pantomima**, que é às vêzes alterado para **pantomina**, por interferência de **mina**. No Brasil verifica-se o mesmo fenômeno.

(1) **Quest. de ling. port.**, I, p. 109.

(2) **Opúsc.**, I, p. 344.

11. **Aeroplano** passa para **areoplano**, onde se vê o influxo de **ar**.

12. **Sobrancelha** sofreu influência de **sombra**, donde a forma vulgar **sombracelha**.

13. Outro exemplo já bem conhecido, não só no Brasil como em Portugal e na Espanha (1), é **vagamundo** por **vagabundo** (lat. **vagabundu**, errante), por influência de **mundo**.

Camilo, que comumente se abeberava na fonte popular, não se correu de empregá-lo bastas vêzes em suas obras admiráveis, bem como os cognatos **vagamundear** (2) e **vagamundeação** (3).

14. **Cogote** modificou-se em **cangote**, já registrado em alguns dicionários. Houve interferência de **canga**.

15. **Altomóvel** por **automóvel** é muito comum, porque o elemento **alto** é mais familiar à gente inculta do que o prefixo **gr. auto**.

16. **Samambaia**, planta da família das polipodiáceas, aparece freqüentemente alterada para **sambambaia**, por influxo de **samba**.

17. **Lavadeira**, segundo Leite de Vasconcelos, (4) é forma oriunda de **lavandeira**, donde **lavandaria**, por influência de **lavar** (+d+eira).

18. **Cobreiro** em vez de **cobrelo** está de tal modo generalizado na linguagem brasileira que os dicionários mais modernos já lhe deram guarida. Houve influxo do sufixo **eiro**.

19. **Abóboda** por **abóbada** teria sofrido influência de **abóbora**. Também se pode admitir tivesse havido assimilação. (5)

20. **Frontespício** é modificação de **frontispício** por influxo de **fronte**.

21. Por influência de **monstro** a palavra **mostrengo** alterou-se em **monstrengo**.

22. **Impingem**, no Brasil, parece mais comum do que **impigem** (**impetigo** ou **impetigem**, erupção cutânea), por interferência de **impingir**.

---

(1) Vj. MENÉNDEZ PIDAL: *Man. de gram. esp.*, p. 196, ed. 1941.

(2) Cf. *Coisas esp.*, p. 10. Lisboa, 1862.

(3) Cf. *Luta gig.*, p. 9, ed. 1865.

(4) Cf. *Liç. de filol. port.*, p. 207. Lisboa, 1926.

(5) Vj. ISMAEL COUTINHO: *Pontos de gram. hist.*, p. 153. Rio, 1954.

23. **Selvícula**, que figura em alguns livros brasileiros, é alteração de **silvícula**, influenciada por **selva**.

24. **Lagarto** modificou-se em **largato** por interferência de **largar**.

25. **Marcela-galega**, tão freqüente na bôca do povo, é alteração de **macela-galega**, por influência no n. p. **Marcelo**.

26. **Pancadaria de mouro** passou a **pancadaria de môlho**.

27. A frase corrente **cuspidado e escarrado** é adulteração de **esculpido e encarnado**.

28. **Trazer à colação** alterou-se em **trazer a coleção**.

29. **Falar francês como um basco espanhol** transformou-se em **falar francês como uma vaca espanhola**.

30. **Quarador** é modificação de **coradouro**, por influência de **quarar**.

31. **Prescutar** por **perscrutar**, porque o povo desconhece o elemento **pers**.

32. **Estalar** por **estrelar** (com relação a ovos) em virtude do barulho de **frigir**.

Verifica-se a etimologia popular entre pessoas **semicultas** quando o termo **ativo**, ou que exerce influência, é desconhecido das pessoas incultas.

Para exemplo, podemos mencionar as formas **legisferar** (influência do vocábulo sinônimo **legislar**) e **estigmatismo** em vez de **astigmatismo**, onde se percebe o influxo de **estigma**.

Essas adulterações popuiarees são muito freqüentes em palavras e frases estrangeiras, como vamos apreciar:

1. **Mortandela**, forma já bem generalizada na linguagem brasileira, é modificação de **mortadela**, do ital. **mortadella**, por influência de **mortandade**.

2. **Camapé** resultou do francês **canapé** por influxo de **cama**.

3. **Hortelã-pimenta** representa o latim **hortulana mentha**, onde **mentha** sofreu influência de **pimenta**.

4. Do adágio latino **necessitas caret lege** (a necessidade está acima da lei) o povo fêz **a necessidade tem cara de herege**.

5. **Ó tempora! Ó mores!** é modificado em — **ó tempo dos amôres**, e ainda — **é tempo dos mouros!**

6. **Lei marcial**, segundo João Ribeiro, resultou do inglês Marshall Law. Marshall “é o nome da pessoa a que está ligado êsse procedimento militar nos momentos de perigo. A **Marshall Law** passou de Albion para o continente, e foi logo transformado em **lei marcial**, ainda que Marte em nada influísse nessa derivação”.

**Marshall** passou a **marcial** por ser êste vocábulo familiar ao povo.

7. Uma canção folclórica do ciclo de Natal termina pelo verso: **Glória no céu se deu**, que nada mais é do que a transformação de **Gloria in excelsis Deo**. (1)

8. **Janua coeli** alterou-se em **já não há céu**.

9. A expressão **a par e passo**, de uso tão comum, é modificação de **pari passu**.

10. **Te Deum** foi traduzido em **Tadeu**.

11. João Ribeiro (2) registra ainda mais dois casos curiosos: **missa de libra e meia**, em que **libra e meia** é tradução de latim **libera me**; e **clarabóia** por **claire-voie**, onde a palavra “boia” não pôde derivar-se de “via” (clara via).

12. Os estivadores brasileiros deram o nome de **camondon-gos** aos grandes guindastes em que trabalhavam nas nossas docas.

Medeiros e Albuquerque foi o primeiro a explicar o fato, mostrando tratar-se de uma corruptela popular assim explicada:

“Os tais guindastes vieram dos Estados-Unidos e os primeiros maquinistas que funcionaram nas docas foram norte-americanos contratados.

Ora, êsses operários falavam naturalmente inglês. Assim, quando queriam ordenar a descida do cabo, gritavam: **-Come down!**, isto é, **desça!**

O nosso povo, não entendendo a algaravia, fêz de **come down** “camondongo”. Tradução pitoresca...” (3)

(1) Cf. GUSTAVO BARROSO: **Ao som da viola**, p. 145.

(2) Cf. **Curiosidades verbais**, p. 151. ed. s/d (1927).

(3) Vj. JOAQUIM RIBEIRO: **Estética da língua portuguesa**, p. 155. Rio, s/d.

E assim finalizamos aqui o nosso modesto trabalho.

Com êle queremos prestar a nossa sincera e comovida homenagem à memória do grande Mestre da filologia portuguêsã, Dr. José Leite de Vasconcelos, cujo centenário de nascimento, ocorrido no ano de 1958, se comemorou solenemente em Portugal e no Brasil, e cuja vida gloriosa constitui um exemplo dignificante de amor aos estudos e dedicação ao trabalho.

#### FONTES DE ESTUDO

- J. LEITE DE VASCONCELOS: **Opúsculos**, vol. I, p. 344. Coimbra, 1928.  
Id., ib., vol. IV, p. 587. Coimbra, 1929.  
Id., **Lições de filologia portuguêsã**, p. 207. Lisboa, 1926.  
Id., in **Miscellanea di filologia**, dedicata alla memoria dei professori Caix e Canelo, p. 263. Firenze, 1886.
- J. J. NUNES: **Compêndio de gramática histórica portuguêsã**, vol. II, p. 115. Lisboa, 1907.
- RIBEIRO DE VASCONCELOS: **Gramática histórica da língua portuguêsã**, p. 100, s/d (1901).
- CAROLINA M:CHAËLIS DE VASCONCELOS: **Lições de filologia portuguêsã**, p. 39, ed. da "Revista de Portugal". Lisboa, s/d.
- JOÃO DA SILVA CORREIA, in "Revista Lusitana", n. XXX, p. 98. Lisboa, 1932.
- ADOLFO COELHO: **Questões da língua portuguêsã**, vol. I, p. 109. Pôrto. 1874.
- MANUEL DE PAIVA BOLÉO, in "Revista de Portugal", (série A), vol. I, n. 3, p. 129.
- JOÃO RIBEIRO: **Estudos filológicos**, p. 112. Rio, 1902.
- JOÃO RIBEIRO: **Curiosidades verbais**, p. 151.
- ISMAEL DE LIMA COUTINHO: **Pontos de gramática histórica**, p. 1 - Rio, 1958.
- MÁRIO BARRETO: **Novos estudos da língua portuguêsã**, p. 311, ed. 1921.
- JOAQUIM RIBEIRO: **Estética da língua portuguêsã**, p. 155. Rio, s/d.
- SERAFIM DA SILVA NETO: **Fontes do latim vulgar**, p. 265. Rio, 1946.
- Cônego BUENO DE SEQUEIRA: **A ação da analogia no português**, p. 34. Belo Horizonte, 1950.
- GUSTAVO BARROSO: **Ao som da viola**, p. 145. Rio, 1921.
- A. H. SAYCE: **Principes de philologie comparée**, p. 265. Trad. de E. JOVY. Paris, 1884.
- ALBERT DAUZAT: **La langue française d'aujourd'hui**, p. 44. Paris, 1912.  
Id., **La vie du langage**, p. 130. Paris, 1918.  
Id., **La langue française, sa vie, son évolution**, p. 51. Paris, 1926.  
Id., **Histoire de la langue française**, p. 234. Paris, 1930.
- M. MILLARDET: **Linguistique et dialectologie romanes**, p. 396. Paris, 1923.
- A. DARMESTETER: **La vie des mots**, p. 132. Paris, 1927.
- J. MAROUZEAU: **La linguistique**, p. 64. Paris, 1944.
- J. VENDRYES: **Le langage**, p. 212. Paris, 1921.